

“Pois é no corpo que escrever me dói agora”: A relação entre a Aids e a deterioração física durante os primeiros anos da epidemia

ELIZA DA SILVA VIANNA¹

1. Introdução

Em junho de 1981, o periódico norte-americano *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR), boletim do *Center of Disease Control* (CDC), noticiou a identificação de uma pneumonia normalmente diagnosticada em imunodeprimidos em cinco jovens pacientes cujo traço em comum era a homossexualidade. A matéria constitui o primeiro registro oficial da doença que depois passou a ser chamada Aids, sigla originária da língua inglesa para Síndrome da Imunodeficiência Humana. Pouco depois, a nova enfermidade alastrou-se de forma epidêmica por vários países, gerando medo e perplexidade (NASCIMENTO, 2005: 81).

Como sinaliza Luna (2002: 231), a emergência da pandemia de Aids na década de 1980 colocou em xeque a atmosfera de otimismo experimentada pela medicina na segunda metade do século XX. O autor pontua que a erradicação de doenças infecciosas, como a varíola, contribuiu para a elaboração da chamada teoria da transição epidemiológica, segundo a qual haveria, após a Era Moderna, uma mudança nos padrões de adoecimento e morte das populações, qual seja a substituição das doenças infecciosas pelas crônico-degenerativas.

Antes de receber o nome pela qual a conhecemos hoje, expressões carregadas de significado foram utilizadas. Entre elas, Nascimento destaca: ‘pneumonia gay’, ‘câncer gay’, ‘síndrome gay’ e *Gay Related Immune Deficiency (Grid)* – Imunodeficiência ligada ao Homossexualismo (NASCIMENTO, 2005: 82). A associação com os homossexuais, portanto, partiu do meio científico e foi amplamente explorada pela imprensa contribuindo para a formação da concepção que associava Aids à homossexualidade e à morte no imaginário social da década de 1980 (TRONCA, 2000; BARATA, 2006).

Os mistérios e medos que evocava, as mortes provocadas em um curto espaço de tempo durante os primeiros anos, somados ao destaque que a doença recebeu na imprensa² contribuíram para que a Aids adquirisse destaque no imaginário social dos anos 1980. Como sintetiza Pollak nas primeiras frases de seu livro *Os homossexuais e a Aids* (1990: 11):

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, sob orientação da profa. Dra. Dilene Raimundo do Nascimento. Agência financiadora: CAPES.

² O que também deve ser pensado a partir da curiosidade e demanda de informações diante dos desconhecimentos predominantes nos primeiros anos da epidemia.

“nenhuma doença provocou, nos últimos anos, tantas reações de angústia e de fascínio como a Aids, ao misturar os medos e os tabus milenares de epidemia, homossexualidade e morte”.

Inserido em uma pesquisa maior que tem por objetivo analisar a história da Aids a partir de escritos literários de dois sujeitos acometidos por esta moléstia, Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert, partimos da hipótese de que a enfermidade evoca um processo de reordenação da identidade. Esta, no nosso entender, se relaciona – seja negando, reafirmando, desconstruindo etc. – com as representações presentes no imaginário social da doença. Destacamos aqui um dos aspectos que julgamos de maior relevância nesse arsenal, a relação do doente com o seu corpo, visto que a década inicial da epidemia associou os pacientes soropositivos à imagem de um corpo que definha, o que, no caso do Brasil, se tornou representativo principalmente pela figura do cantor e compositor Cazuza³.

Para que compreendamos a trajetória soropositiva dos indivíduos acima citados, é necessário que os apresentemos, ainda que brevemente.

Hervé Guibert nasceu em Paris em 1955 e durante sua vida escreveu principalmente romances. Nas décadas de 1970 e 1980 trabalhou em importantes jornais franceses, como *Le Monde* e *L'Autre journal*. Foi um dos primeiros intelectuais franceses a declarar abertamente ser portador do HIV, no livro *Para o amigo que não me salvou a vida* (1992), que se tornou célebre por trazer denúncias contra a indústria farmacêutica e os esquemas de testes de medicamentos. Além disso, o texto de Guibert é considerado um dos primeiros relatos densos a respeito da experiência soropositiva.

Ao todo, Guibert escreveu dezoito livros, dos quais dois foram publicados postumamente e apenas três foram traduzidos e publicados no Brasil⁴, todos com a temática Aids como destaque. O diagnóstico positivo para o HIV do escritor foi confirmado em 1988 e seu falecimento se deu em dezembro de 1991, em decorrência da doença.

Caio Fernando Abreu nasceu em Santiago do Boqueirão, cidade do interior do Rio Grande do Sul, em 1948. Aos vinte anos, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou para revistas e jornais, dentre os quais destacam-se *Zero Hora* e *O Estado de S. Paulo*. Ao longo de sua vida, publicou onze livros, dos quais o mais conhecido é *Morangos mofados* (1982). Segundo Eliane Moraes (2008), o livro *Triângulo das águas* (1983) traz a primeira menção à Aids na literatura brasileira, seguido de outras referências em crônicas, romances e contos do autor no decorrer da mesma década. Para Marcelo Secron Bessa (2002), a temática da Aids

³ REVISTA VEJA. “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. Revista Veja, 26/04/1989. s/ a. Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_26041989.shtml Acesso em 01 de novembro de 2011.

⁴ *Para o amigo que não me salvou a vida* (1992), *Protocolo da Compaixão* (1995) e *O homem do chapéu vermelho* (1996). As publicações francesas datam de 1990, 1991 e 1992, respectivamente.

foi uma espécie de *leit-motiv* que perpassou os escritos de Abreu antes de seu acometimento pela doença. Em agosto de 1994, Abreu comunicou aos leitores de suas crônicas quinzenais do jornal *O Estado de S. Paulo* que se descobriu portador do vírus HIV.

2. A Aids no corpo e o corpo na história

O corpo, tal como compreendemos hoje, é uma construção simbólica elaborada no século XX e que não pode ser entendida sem considerarmos sua relação com a medicina e as doenças (COURTINE, 2008; LE BRETON, 2011; VIGARELLO, 2006). Para Courtine (2008), esse processo teve relação estreita com a emergência da psicanálise e a afirmação de que o inconsciente fala através do corpo, o que teria criado as relações que hoje ele mantém com a configuração do sujeito e, conseqüentemente, da identidade.

Caminho analítico consoante foi traçado por Le Breton ao, em sua análise antropológica da questão, afirmar que

em nossas sociedades ocidentais, o corpo é, portanto, o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção; e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, está frequentemente dissociado dele, devido à herança dualista que pesa sempre sobre sua caracterização ocidental (2011: 11).

O corpo, portanto, traz em si as designações identitárias do indivíduo. Entretanto, isto se dá sob as molduras desenhadas pelo contexto social mais amplo, mostrando o que o indivíduo pretende associar a si e ao mesmo tempo as arestas que o desenquadraram dos padrões em vigor. Transposta para a relação com as doenças, cabe lembrar que, em geral, é no corpo que se manifestam as desarmonias que possibilitam o diagnóstico de uma enfermidade. Além disso, as marcas físicas deixadas por uma doença são o que permite que ela muitas vezes seja identificada a olho nu, o que em casos como o da Aids, passa a significar também a identificação dos estigmas sociais acompanhados pela moléstia.

Entendido como elemento central na constituição da identidade, acreditamos que o corpo pode com auxílio das concepções de Hall (2006), para quem esta assume, em finais do século XX, o caráter fragmentário que a ressignifica. Portanto, muitos seriam os elementos transparecidos por um corpo que mostra o que quer e o que não quer mostrar, sendo um desses aspectos, o processo de medicalização das sociedades contemporâneas, profundamente analisado por Michel Foucault (1961; 1963; 1976) e que, segundo Moulin (2008: 19), pode ser exemplificado pela naturalização do uso de vacinas.

Ainda segundo a autora, esse processo modifica o papel e o espaço do corpo nas sociedades ocidentais. Antes teatro de um drama a ser vivenciado na experiência da dor, da doença e da morte, o corpo passa a ser silenciado enquanto essas vivências tentarão ser mantidas à distância do cotidiano (MOULIN, 2008: 16). Todavia, a chegada da Aids teria obrigado à retomada dessa teatralização ao trazer de volta a imagem dos corpos doentes, que exemplificam e escancaram simultaneamente os avanços de uma enfermidade cercada de estigmas e os fracassos de uma medicina até então bastante otimista (MOULIN, 2008: 19).

Por outro lado, a autora destaca o crescimento das reivindicações pelo pertencimento do corpo, iniciadas com o movimento feminista e com as lutas por direitos homossexuais na segunda metade do século XX, e fortalecidas por um contexto epidêmico em que “as associações pressionaram os médicos para que dissessem tudo e tudo fizessem” (MOULIN, 2008: 33). Estava posto um novo quadro em que o paciente se colocava como sujeito na disputa pelo domínio da doença, das informações a respeito dela e de seu corpo, enquanto se transformava em objeto de pesquisas no caminho científico da enfermidade misteriosa.

A nova configuração contribui, segundo Moulin, para que a Aids ocupe um lugar à parte na história do corpo no século XX. A doença aproxima um universo médico até então associado à ficção científica. O sistema imunológico, que até então era visto como um defensor abstrato do organismo, passa a ser personificado. A importância do corpo se dá pelo fato de que ele é o canal de expressão e contato da doença e dos doentes: “a silhueta macilenta passa a ser sinônimo do diagnóstico” e a pele se torna a maneira pela qual os desarranjos do sistema imunológico transparecem. Para a autora, “desde a lepra e a sífilis, conhecidas por suas desfigurações, nenhuma enfermidade havia atingido o corpo de forma tão pública” (MOULIN, 2008: 34).

Entre as similitudes dos sujeitos por nós estudados, encontra-se o fato de que ambos ficaram conhecidos pela revelação pública da doença. Contudo, acreditamos que o processo de construção da soropositividade como um elemento constituidor da identidade precisa ser entendido antes desse momento, sendo importante o contexto e a vivência do diagnóstico para ambos. Nesse sentido, torna-se relevante o fato de que é através dos sintomas do corpo que a doença se deixa transparecer até ser identificada. Do mesmo modo, mesmo que ambos tenham optado por abordar o assunto em suas respectivas obras e na imprensa, como destacou Moulin, os traços que a Aids deixava nos corpos dos pacientes na era pré-coquetel tornavam explícita a doença e os estigmas que ela acoplava.

Acreditamos, portanto, que o processo de transformação da identidade provocado pela doença se inicia com o diagnóstico, na verdade, com os sintomas do corpo que levam à

procura do diagnóstico, o que para ambos os autores se dá pelo aparecimento de doenças de pele.

Para Caio Fernando Abreu, o processo é abordado na peça teatral *O homem e a mancha*, escrita em fevereiro de 1994 (ABREU, 2009: 258), meses antes da crônica em que comunica o diagnóstico a seus leitores. O monólogo é composto por seis personagens que se conectam pela busca de uma mancha, que pode ser associada à manifestação clínica do sarcoma de kaposi, tipo de câncer de pele que costuma surgir em pacientes soropositivos. Acreditamos que o texto carrega em suas entrelinhas as subjetividades relacionadas ao dilema do diagnóstico para o autor, não só pela proximidade com sua confirmação laboratorial, mas pelos conflitos experimentados pelas personagens.

A procura pela mancha está relacionada à aceitação do diagnóstico, dos sintomas que podem indicar a soropositividade, o que incluiria os significados e estigmas associados à Aids e às suas vítimas. A incorporação desse novo aspecto constituidor de sua identidade implicava o enfrentamento de todo o arsenal disponível no imaginário social da doença naquele período, por isso, a relação que os personagens tecem com a mancha procurada é, por vezes, ambígua e conflituosa, como podemos observar no trecho a seguir:

A mancha, meu deus, a mancha. Onde foi parar a mancha? Estava aqui, agora mesmo. Não pode ter sumido assim. Bem aqui, ela estava bem aqui. Era clara, isso eu me lembro. Não era uma mancha **suja**, não era uma mancha **feia**. Era só... só de outra cor. Bem clarinha. Assim... como se tudo fosse branco ou preto ou cinza, e em determinado lugar dessa superfície de repente lá estivesse ela, entende? Parada, quieta. De outra cor. Azul-celeste. Amarelo-água. Lilás, violeta, roxa. Não, isso não. Roxa não, pelo amor de Deus, roxa não! (ABREU, 2008: 227-228, grifos nossos).

Como podemos observar, o autor nega que a mancha que procura seja suja ou feia, nega que seja uma demarcação de impureza ou motivo de imposição de estigma. Contudo, quando menciona a sua cor fica, simultaneamente, evidente que se trata do sarcoma de kaposi, por causa da coloração arroxeadada, e que há um temor de que a presença desse ‘sintoma’ se confirme.

Ao final da história, entretanto, a situação se inverte e a preocupação com a presença da mancha, marca do diagnóstico no corpo, é transformada em indiferença quando o personagem desiste de procurá-la. A desistência não é em relação ao diagnóstico, que será confirmado poucos meses depois pelo autor, mas à angústia provocada pelo medo de que este se confirme. Desistir de encontrar é interromper o sofrimento provocado pelo seu aparecimento – e também provocado pelos estigmas incorporados à Aids, dos quais ele abre mão.

No que é que eu estou pensando agora? Na mancha, é claro. Eu penso nela o tempo todo. Você, melhor do que ninguém, sabe disso. Ela tem que estar aqui. Aqui, ali.

Assim não é possível. Não pode desaparecer assim. Ah, deixa pra lá. Dentro ou fora de mim, já cansei dessa história. Quer saber do que mais? Caguei: K-Gay! (ABREU, 2008: 257).

Para o escritor francês, a relação entre a doença, a identidade e o corpo aparece também no momento de aparecimento dos sintomas que levam ao diagnóstico. Perceber em seu próprio corpo sintomas alardeados pela imprensa como os sinalizadores da doença e decidir pela realização do exame era, em certo sentido, assumir os múltiplos elementos igualmente propagandeados nas matérias sobre a epidemia, a estigmatização dos homossexuais e o caráter mortal da Aids. Acreditamos serem esses os elementos em questão quando o escritor rememora os sinais da presença do vírus em seu organismo:

percebi um gânglio um pouco dolorido que inchava à esquerda do pomo-de-adão, acompanhado de um pequeno acesso de febre. Alertado por aquele sinal, que todos os jornais há anos nos repetiam ser decisivo no desencadeamento da Aids, telefonei para o doutor Chandi (GUIBERT, 1992: 92).

Mais adiante em seu relato, Guibert problematiza a visibilidade que a doença evoca em seu corpo. Os avanços da doença, explicitados principalmente pelo rápido emagrecimento, tornavam possível a identificação ou a especulação a respeito do diagnóstico, o que para ele é pensado durante o processo de escrita do livro que, quando publicado, será a comunicação de sua soropositividade aos leitores.

O trecho destacado a seguir mostra o medo do escritor de que o seu corpo deixe transparecer a doença aos outros, ou melhor, o medo de que essa evidência traga junto a estigmatização e o preconceito imputados aos doentes:

Precisava viver, doravante, com aquele sangue desnudado e exposto, como o corpo sem roupa que tem de atravessar o pesadelo. Meu sangue desmascarado, por toda parte e em qualquer lugar, e para sempre, a não ser que houvesse um milagre por transfusões improváveis, meu sangue nu a qualquer momento, nos transportes coletivos, na rua quando ando, obstinadamente vigiado por uma seta sempre apontada para mim. Isso se vê nos olhos? (GUIBERT, 1992: 11).

O diagnóstico é o primeiro momento de enfrentamento entre os sujeitos estudados e o imaginário da Aids nos anos 1980. O desenvolvimento da doença evoca outros temas e debates historiográficos, como a relação com a dor e, mais profundamente, as transformações que o corpo sofre ao longo da doença. A aparência física como sugestão da morte é outro elemento que vem sendo analisado e explorado. Do mesmo modo, o corpo transformado em objeto no ambiente hospitalar e suas implicações da constituição de uma identidade soropositiva são relevantes para a nossa análise.

Fontes

ABREU, Caio Fernando. O homem e a mancha. In: NUNES, Luiz Artur e BREDA, Marcos (org.). **Teatro completo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida**. Tradução Mariza Campos da Paz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 3ª edição.

REVISTA VEJA. “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. Revista Veja, 26/04/1989. s/ a. Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_26041989.shtml Acesso em 01 de novembro de 2011.

Referências

BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUNA, Expedito J. A. A emergência das doenças emergentes e as doenças infecciosas emergentes e reemergentes no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Vol.5 nº3, 2002, pp. 229-243.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

POLLAK, Michel. **Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo: lepra e aids**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

VIAGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.